

O Conflito Entre a Saúde Infantil e a Comunicação: A Influência de Grupos Antivacina Para a Volta de Doenças Já Erradicadas¹

Lorena Bonfá BIGUETTI²

Thaís Silva Santos BISPO³

Juliana Arjona Lamussi Silva⁴

Maria Lúcia de Paiva JACOBINI⁵

Tarcisio Torres SILVA⁶

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Este trabalho investiga como a comunicação de grupos antivacina impacta a saúde infantil e contribui para o retorno de doenças erradicadas, ao disseminar ideologias e estratégias que afetam a percepção dos pais sobre a segurança dos imunizantes. Com base em dados secundários e interações qualitativas em seis grupos do *Telegram*, consideramos a liberdade na plataforma para espalhar desinformação sob o argumento de liberdade de expressão. Assim, conclui-se que há significativa relevância do conteúdo publicado na decisão dos pais de vacinar os filhos.

PALAVRAS-CHAVE: antivacina; desinformação; saúde infantil; comunicação; *Telegram*.

INTRODUÇÃO

De acordo com Dias (2020), o crescimento do movimento antivacina no país se dá pela falta de informações científicas e confiáveis acessíveis ao público. Para o professor, esse pensamento traz uma séria ameaça global, principalmente, segundo dados do Programa Nacional de Imunização que mostra a queda da cobertura vacinal infantil e afirma: “Precisamos ter informação científica de qualidade disponível, didática, acessível, com linguagem clara” (Dias, 2020).

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho GT05SE – Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Jornalismo PUC-Campinas, email: lorena.bb1@puccampinas.edu.br

³ Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda PUC-Campinas, email:

thais.ssb@puccampinas.edu.br

⁴ Estudante de graduação 3º semestre do curso de jornalismo da PUC-Campinas, email: juliana.als@puccampinas.edu.br

⁵ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora dos cursos de Comunicação da PUC-Campinas, email: maria.jacobini@puc-campinas.edu.br

⁶ Doutor em Artes Visuais pela Unicamp, professor dos cursos de Comunicação da PUC-Campinas, email: tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

A volta de doenças erradicadas como a poliomielite e o sarampo no Brasil é uma preocupação devido a queda da cobertura vacinal, e essa volta é uma ameaça à população que se tornou uma questão de saúde pública. No Brasil, não existem casos de poliomielite desde 1989, mas a baixa procura por vacina preocupa os especialistas, principalmente, em estados como Amazonas e o Pará. (Sou enfermagem, 2025⁷).

Um das causas da queda no índice de vacinação é a hesitação vacinal, que diz respeito ao atraso na aceitação ou recusa da vacinação, apesar da disponibilidade do serviço. (Freire, 2024).

Camila Matos e Marcia Couto descrevem no seu artigo as possíveis causas da hesitação vacinal e para a queda na procura, como:

As dúvidas quanto à real eficácia/eficiência e segurança das vacinas, o questionamento quanto ao ganho financeiro e o interesse comercial da indústria farmacêutica, a crítica à composição das vacinas e ao seu mecanismo de ação, o medo de efeitos adversos até mesmo em longo prazo, — como o recebimento de que as vacinas sejam os responsáveis pelo aumento de doenças autoimunes, por exemplo; a crença de que a imunidade adquirida pela infecção é melhor do que aquela gerada pela vacina e a crença de que hábitos de vida como alimentação saudável, por exemplo, são protetores contra doenças e preditores de saúde, dispensando assim a necessidade de prevenção. (Matos; Couto, 2024, p. 2)

No decorrer dessa pesquisa, acompanhamos como as *Fake News* percorrem por grupos criados em redes sociais, especificamente o *Telegram* e como essas trocas de mensagens e desinformações influenciam uma parte da sociedade afetando a saúde infantil. Nesses grupos, detectamos falas vindas de líderes negacionistas que afirmam que as vacinas são perigosas para a saúde das crianças.

Dessa forma, por meio desta análise, foram acompanhados os momentos de interação e como são usadas estratégias de comunicação como forma de manipulação para convencimento de pais e mães que acreditam em mensagens enviadas por líderes e membros bem como passam a desacreditar em fontes oficiais e especialistas. A atuação de tais grupos acontece quando seus colaboradores publicam *fake news* sobre saúde e usam de suas experiências e estratégias de desinformação para enfraquecer a confiança dos demais, tornando-os suscetíveis a informações enganosas. Dentro da análise dos grupos formados no *Telegram* é notória, por exemplo, a distorção de notícias e falas de jornalistas.

⁷ Disponível em: <https://www.souenfermagem.com.br/noticias/doencas-erradicadas-retornam-ao-brasil/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

Para tanto, a proposta deste trabalho é analisar e identificar como esses grupos atuam para o compartilhamento de *Fake News*, contribuindo para a redução do esquema de vacinação e, assim, abordar como a comunicação científica pode lidar com essa problemática.

METODOLOGIA

Com base nos dados publicados pelo Instituto Butantan, no ano de 2023 mais de 60% dos municípios brasileiros não atingiram a meta de 95% da cobertura vacinal (Pinelli, 2024).

A partir desses dados, foi possível levantar hipóteses sobre o motivo por trás da diminuição da vacinação. Esse fator tornou-se evidente com o aumento e fortalecimento do movimento antivacina.

Foi realizada uma pesquisa num período de quatro meses, setembro a dezembro do ano de 2024, através do monitoramento das mensagens enviadas, para a observação das conversas entre os integrantes dos seguintes grupos do *Telegram*: *PELOS NOSSOS FILHOS* (661 membros; grupo público; idioma português brasileiro), *Childhood Vaccine Information e Health* (422 integrantes; único grupo que apresenta outro idioma, sendo esse o inglês), *Anti Vacinas Experimentais & NOM* (grupo público; 159 membros; idioma português brasileiro), *Certificado C19* (2076 membros; deixa fixada a mensagem para a compra da caderneta da criança; idioma português brasileiro), *Investigando Vacinas* (560 inscritos; canal público; apresenta, em sua maioria, prints com relatos de mulheres grávidas que ao tomarem vacinas teriam tido inúmeras complicações; idioma português brasileiro), *Anti Vacina Passaporte Vacinal* (4860 membros; mantém fixa a mensagem para a compra de comprovante de vacinação do SUS; idioma português brasileiro) para verificação do que é dito. A seleção dos grupos foi feita pela busca de palavras chaves na barra de pesquisa de canais, palavras como: antivacina; filhos; crianças; cobaias; foram utilizadas para encontrar os grupos.

A escolha da rede social *Telegram* se dá pelo conceito de sociedade em rede que explica como as redes sociais são utilizadas como meio de espalhar a desinformação através de compartilhamentos, que muitas vezes pode ser imediato. (Cunha, 2016)

Dessa forma, quando uma desinformação é passada por esses líderes, os membros que acreditam em suas falas, compartilham com outras pessoas a desinformação passada. Dessa forma, aplicamos o conceito de sociedade em rede de Castells (2005), que consiste em um grupo de pessoas de diferentes núcleos éticos como religiões, culturais, políticos que compartilham seus gostos e ideais conectados pelo recurso da internet.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nas comunidades formadas em redes sociais é como que se crenças se tornassem verdade a partir dos compartilhamentos de experiências como “eu vivi, eu vi, eu sei” (Sacramento, 2018). Para o autor, os boatos fazem parte da história da vacinação no Brasil, ele traz exemplos como o “pânico moral” da imunização de meninas contra o HPV em 2014 e a rejeição do imunizante contra H1N1 em 2010. Dentro dos grupos escolhidos para a análise, é possível identificar esse comportamento em diversos *prints* com falas de mães que teriam tido péssimas experiências com seus filhos após a aplicação de imunizantes.

Os integrantes desses canais possuem para si uma opinião própria, e conforme (Araújo; Cardoso e Lerner, 2007), o modo como as pessoas pensam interfere nas soluções que elas encontram para os problemas na saúde. Essa convicção que eles carregam com eles é resultado de uma articulação entre discursos que circulam sobre o tema, que pode mudar suas perspectivas sobre possíveis fatos sociais e, dessa forma, mudar seus modos de agir sobre a realidade.

RESULTADOS

A forma como os líderes desses grupos traz suas mensagens pode ser explicada pela Teoria do Meio é a mensagem, de McLuhan. Para Serra (2007), Marshall revela que os “meios” possuem nos fins um processo de comunicação. Dessa forma, é defendida a ideia de que o próprio meio pelo qual é passada a mensagem define o impacto e os efeitos da mensagem.

Significa isto que os *media*, longe de serem meros “meios” ou “instrumentos” de que o homem se serve, nomeadamente para “comunicar” uma “mensagem”, são uma espécie de prolongamento do homem sobre o que o rodeia. E, ao prolongar o corpo humano, os sentidos, os membros, o próprio sistema nervoso de certa maneira, cada meio acaba por configurar a “realidade” também de uma certa maneira, sendo assim, por si só e independentemente do seu “conteúdo” – que, aliás, e como observa McLuhan, é sempre um outro “meio” –, uma certa forma de conhecimento da realidade (Serra, 2007, p. 85)

Nas conversas foi observado que são usadas muitas palavras em caixa alta, uso de exclamação e *emojis* para chamar atenção ao conteúdo. Além do uso de *links* para seus perfis no *Facebook* e *sites* não confiáveis, as contas também divulgam vídeos e imagens de crianças com possíveis reações à vacina, sempre trazendo um alerta de que nunca fariam isso aos seus filhos. Há também relatos próprios sobre situações ao qual passaram ou pessoas próximas, enfatizando o risco da vacinação, aderindo ao apelo emocional para credibilizar a informação, dizendo, por exemplo, que ao tomar uma dose da vacina do Covid-19, uma mãe que

amentava sua criança teria passado parte do imunizante para sua bebê que precisou de 4 semanas de internação para se recuperar de vômitos e erupções na pele.

Surgem perfis entre esses grupos de mães solicitando conselhos sobre o que é seguro fazer em relação aos seus filhos, como uma mãe que perguntou se poderia dar a vacina antitetânica no seu filho, seguindo o pedido de seu pediatra. Essa mãe recebeu respostas para que não colocasse seu filho sobre os riscos da toxidade dessa vacina. Como também perfis de falsos médicos que enfatizam que condições, transtornos e novas doenças surgem a partir da vacinação, como por exemplo, câncer, anemia e transtornos do neurodesenvolvimento como o TDAH e o Autismo. Além de solicitarem a falsificação e compra da carteira de vacinação. Essas carteiras de vacinação falsas podem ser compradas pelo valor R\$350,00 a R\$400,00 em todos os grupos e é usada para comprovação para passaporte, matrícula escolar, entre outros.

Ao observar o comportamento dos líderes dos grupos e daqueles que lá estão inseridos, concluímos que as mensagens enviadas com imagens e supostas experiências pessoais aumentam a credulidade em seus ideais. Com essas mensagens de possíveis vivências e imagens de crianças, esses líderes dos grupos controlam os integrantes com mensagens que manipulam emocionalmente as mães e pais que ali se instalam. Dessa forma, eles conseguem dominar seus ideais, influenciando suas atitudes com seus filhos.

Além disso, o que coloca em risco é a desinformação e a falta de veracidade enviadas em notícias falsas por meio de *links* que se propagam de forma fácil e muito rápida, chegando a diversos tipos de público, de modo coerente com o previsto por Castells (2005) em sua lógica da sociedade em rede. Além de estarem regularmente atacando emissoras e profissionais da comunicação que noticiam sobre a importância da vacinação e sobre o calendário vacinal infantil.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos a estrutura das conversas concluímos que os grupos negacionistas formados na rede social *Telegram* podem impactar a opinião dos pais e mães sobre a importância da vacinação nos seus filhos, com todas as mensagens enviadas por seus líderes que a cada dia publicam novos discursos antivacinas. Ademais, percebemos estratégias usadas para que esses integrantes que chegam ao grupo não confiem em telejornais e noticiários, dessa forma, essa troca de mensagens que descredibilizam o papel dos comunicadores tem poder para atrapalhar a confiabilidade desses pais em notícias referentes ao tema de vacinação infantil.

Enquanto a divulgação de notícias reais e comprovadas, o papel dos comunicadores se faz essencial. Nesse meio, o poder da informação verídica se faz ao combater a desinformação disseminada por esses grupos e ao esclarecer os fatos à população.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. S; CARDOSO, J. M; LERNER, K. **Comunicação e saúde: um olhar e uma prática de pesquisa**. 2007.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Ação Política**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

CUNHA, A. V. Sociedade em rede. **JusBrasil**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/sociedade-em-rede/338442571>. Acesso em: 22 mar.2025

DIAS, L. C. Movimento antivacinas: uma séria ameaça à saúde global. **Jornal da Unicamp**. 21 set. 2020. Saúde. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/movimento-antivacinas-uma-seria-ameaca-saude-global/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

FREIRE, Diego. **Informação**: uma vacina contra a hesitação vacinal. Consems SP, 05 mar 2024. Comunicação. Disponível em: <https://www.cosemssp.org.br/noticias/informacao-uma-vacina-contr-a-hesitacao-vacinal/#:~:text=Contudo%2C%20doen%C3%A7as%20at%C3%A9%20ent%C3%A3o%20eradicadas,uma%20quest%C3%A3o%20de%20sa%C3%BAde%20p%C3%BAblica>. Acesso em: 25 mar 2025.

MATOS. Camila Carvalho de Souza Amorim; COUTO. Marcia Thereza. Hesitação vacinal: tópicos para (re)pensar políticas de imunização. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v.18, n.45, p.3128 2023. DOI: 10.5712/rbmfc18(45)3128. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/3128>. 29 mar. 2025.

PINELLI, Natasha. Maioria dos municípios brasileiros não atingiu a meta de cobertura para vacinas do calendário infantil em 2023. **Notícias Instituto Butantan**, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/maioria-dos-municipios-brasileiros-nao-atingiu-a-meta-de-cobertura-para-vacinas-do-calendario-infantil-em-2023#:~:text=Mais%20de%2060%25%20dos%20munic%C3%ADpios,o%20primeiro%20ano%20de%20vida> Acesso em: 22 mar. 2025.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. **RECIIS**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2018. DOI: 10.29397/reciis.v1.2i1.1514. Disponível em: <https://www.reciiis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1514>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SERRA, Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2007. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110824serra_paulo_manual_teorica_comunicacao.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2025